

Belmiro de Azevedo discursa nas II Jornadas AEP / Serralves

**Nenhum país sobrevive
sem a economia a funcionar**

“Andamos a falar no sistema financeiro e na reorganização do Estado mas «it’s the economy, stupid!»”, afirmou o presidente da Sonae, Belmiro de Azevedo, no discurso com que encerrou as II Jornadas Empresariais AEP/Serralves, ao final da tarde de hoje.

Com a frase celebrizada por Bill Clinton contra George W. Bush, em 1992, nas eleições presidenciais norte-americanas, Belmiro de Azevedo alertava para o rumo das discussões e das políticas face à crise, em Portugal, defendendo que “nenhum país sobrevive se não tiver a economia a funcionar”.

Perante os cerca de 200 empresários, académicos, gestores, analistas e ex-governantes que foram a Serralves debater “A Re-Industrialização do País”, o presidente da Sonae apelou a “menos intervencionismo e mais regulamentação, que é o que permite um Estado eficaz e um poder político forte sem ter de se submeter ao poder económico”.

“Andamos a pagar um Estado obeso e ineficiente, e a contabilidade pública é tosca”, afirmou Belmiro de Azevedo, para quem as contas públicas deviam ser auditadas e corrigidas estruturalmente.

Por outro lado, “o Estado tem de fazer discriminação positiva e estimular quem cumpre. Mas nós andamos a ler o livro ao contrário!”, disse o empresário, a propósito do pagamento de impostos. Belmiro de Azevedo aproveitou para falar das relações do Estado com as empresas e disse que, por vezes, o processo tributário é confundido com um processo arbitrário.

O presidente da Sonae reafirmou a importância do estímulo à economia, à semelhança dos restantes intervenientes nestas jornadas, pois aí reside, na sua opinião, a condição *sine qua non* para tentar evitar a recessão.

Belmiro de Azevedo condenou, assim, uma opção política que privilegie a tributação para baixar o défice: “Não estou convencido de que o retorno dos impostos vá estimular o investimento, pois vai é para o sistema financeiro!”.

Numa intervenção que recolheu a concordância do presidente da AEP, José António Barros, ao fechar as jornadas, Belmiro de Azevedo falou ainda da

responsabilização criminal dos políticos “que façam asneira” e apresentou uma solução quase simplificada para a questão das contas públicas e da inclusão dos limites ao endividamento na Constituição: “A República tem de ser governada de modo a obter uma notificação de AAA”, ou seja, “se o Estado se portar bem, tem um rating para três anos e, portanto, pode financiar-se em qualquer lado”.

O líder da Sonae criticou a vulnerabilidade da Caixa Geral de Depósitos ao poder político e apontou como “crucial” a estabilização do sistema financeiro. Disse mesmo que “é preciso regularizar o acesso ao crédito” pois “sem crédito à economia não há investimento e, portanto, não há criação de riqueza”.

O empresário mostrou-se ainda um grande defensor do Euro e lançou um apelo geral para essa postura, já que considera que “se o perdermos, vai ser ainda muito pior porque é essencial à construção europeia. O seu fim significaria o colapso mortal da economia portuguesa e um retrocesso de décadas em termos de bem-estar”.

Voltando a apelar à moderação tributária, Belmiro de Azevedo defendeu uma comunicação atempada e clara com os contribuintes e reafirmou que, a partir de certos limites no corte dos rendimentos, os efeitos são inversos ao pretendido já que as pessoas deixam de ter possibilidade de contribuir para o Estado.

A intervenção de Belmiro de Azevedo fechou, assim, as jornadas dedicadas à re-industrialização de Portugal, que tinham sido iniciadas por Pedro Ferraz da Costa, presidente do Fórum para a Competitividade, com um “filme” sobre a desindustrialização por que Portugal atravessou nas últimas décadas e a relação do fenómeno com a queda económica.

Além de Paulo Nunes de Almeida, presidente da Fundação AEP, e de Luís Braga da Cruz, presidente da Fundação de Serralves, que abriram os trabalhos com sugestões para reflexão, o programa contemplou também intervenções de representantes de várias empresas, a título de exemplos de sucesso, e ainda de Valente de Oliveira, administrador da Fundação AEP, que defendeu a re-industrialização do País como um imperativo para o relançamento da economia e a sua solidificação.

.....
msg, 11.10.18